

FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Vera Lúcia MENEZES*

A formação dos profissionais de Educação Física, em nível de graduação, até recentemente deteve-se exclusivamente ao curso de Licenciatura, voltada para Escolas de 1o. e 2o. graus; porém em completa desarticulação com esses segmentos, privilegiando a formação esportiva mecanicista, abstrata, desvinculada da realidade social concreta, identificada com valores do esporte institucionalizado, levando muitas vezes o aluno a graduar-se como um profissional tecnicamente competente sem estar, no entanto, com suas competências política e social sequer despertadas. (Vieira, 1984, p.110). A licenciatura em Educação Física parece ter transformado a ação de formação de educadores no emprego de "técnicas desportivas e corporais, possuindo suportes biológicos" (Cavalcanti et alli, 1981), atendo-se à transmissão e reprodução, despreocupando-se com a elaboração do conhecimento, uma das dimensões da formação universitária.

Essa formação universitária, cujo crescimento desordenado das instituições de ensino superior (IES), orientou-se segundo pouca ou nenhuma profundidade, parece ter-se detido mais no fazer pedagógico do que na ação e reflexão, ocasionando, em alguns casos identificação com a formação de atletas e noutros, um sentido de formação profissional generalista, compreendida como pinceladas superficiais dos diferentes conteúdos necessários à ação do profissional, fazendo inchar alguns currículos, negando o verdadeiro princípio de generalidade no qual, conhecimentos básicos e essenciais são apreendidos visando a geração de conhecimentos para o exercício das diferentes funções profissionais (Costa, 1988).

A ausência da reflexão e do pensamento crítico nesses cursos veiculou um curso universitário reprodutivista, assemelhando-se mais a um curso de 2o. grau aperfeiçoado, provocando verdadeira limitação na produção do conhecimento específico da área e conseqüentemente a qualificação deficitária na formação do professor de Educação Física.

O descompasso entre o que a Universidade formava e a sociedade exigia do profissional de Educação Física, culminou, após inúmeras discussões entre os intelectuais da área, com o Parecer no. 215/87 do Conselho Federal de Educação, que tratou da reestruturação dos cursos de graduação em Educação Física e Desportos, facilitando à Universidade pensar seu próprio currículo e o perfil do profissional necessário a sua região, propiciando-lhe assim, no exercício da autonomia universitária, pensar sobre duas graduações para a área sendo uma licenciatura e/ou bacharelado em Educação Física.

Mas essa liberdade trouxe a necessidade de reflexão sobre marcos teóricos orientadores da formação onde estejam reunidas no presente a sabedoria do passado e a perspectiva do amanhã, navegando em direção à formação de um profissional capaz de ultrapassar e suscitar as mudanças necessárias para organizarmos uma sociedade brasileira mais justa e feliz.

Nessa perspectiva de reflexão sobre o amanhã da Educação Física, percebe-se hoje no mundo, após as projeções de necessidades e estilos de vida do século XXI, discutidas sob a ótica das tendências demográficas e de escolarização, a identificação de exigências de pesquisas e conhecimento sobre bem-estar, aptidão física, prevenção de doenças e outras atividades relacionadas à saúde, o que já parece evidenciar que o termo Educação Física será um tanto limitado para as novas carreiras que já se pronunciam para o novo século, relativas à promoção da saúde e dos negócios de lazer, remetendo o

*Departamento de Educação Física da Universidade Gama Filho.

homem ao seu estado natural.

Entretanto, o mundo ocidental, habituado a uma visão lógico-formal, à limitação de encarar os problemas de modo atomizado, vive uma época de separação na qual a divisão, a fragmentação, o conflito, a oposição, a contestação são visíveis tanto no interior como no exterior do homem. Nosso corpo, visto sob a ótica da dualidade, é tido como um objeto externo, do qual somos proprietários. Temos um corpo ao invés de sê-lo. Nossas percepções e sensações coisificadas, relegaram o corpo a um plano secundário, tratado nesta Educação Física mecanicista como um instrumento que se exercita, que se modela, que rende. Nosso pensamento divide, analisa, organiza o mundo, nomeia, cria fronteiras no espaço e no tempo.

Mas como ultrapassar essa visão de mundo, passar de uma sociedade individualista e autoritária para uma sociedade participativa e solidária como preconizam os pilares da nova era (o associativismo, o cooperativismo, a comunicação interpessoal, a recuperação do elo com a natureza).

A reação holística busca essa ultrapassagem. Consiste em tentar recuperar toda a informação perdida, resgatando a totalidade perdida do ser. (Capra, 1987).

Dessa maneira a vivência do corpo e do movimento, a compreensão energética dos seres vivos, a experiência do lúdico, a comunicação interpessoal e com o ambiente trarão mudanças significativas às percepções de mundo. E a atividade física e esportiva renovada, seja com intencionalidade recreativa e de realização pessoal ou com intencionalidade produtiva, faz-se necessária como condição da melhoria da qualidade de vida do cidadão. A sensação do próprio corpo, do espaço social que vivencia pela participação e da própria realidade cotidiana podem favorecer a percepção do próprio existir do cidadão, orientando-o na busca da paz e da alegria.

Essa postura exigirá uma interatuação entre conscientização, organização social e ação de mudança (Terrero, s.d.), numa praxis pautada na libertação, no trabalho e na criatividade. Essa Educação Física, ou que outro termo venha a existir para nomeá-la, há que importar-se mais com a intencionalidade dos seus orientadores em exercê-la como prática de liberdade e mobilização social e na ação de seus praticantes em co-responsabilizarem-se pelo próprio destino coletivo da comunidade, através da solidariedade e da cooperação.

Para tal, torna-se imperativa a formação de um profissional de Educação Física cuja pessoa, necessariamente equilibrada, natural, seja capaz de valorizar a vida em comunidade, que cultive a paz como realidade cotidiana e que detenha conhecimento do corpo, do jogo, do movimento humano e de sua pedagogia visando as interações sociais e com o ambiente.

Nesse sentido a Universidade tem um papel fundamental enquanto pensadora da sociedade tanto como problema como quanto projeto (Ribeiro, 1986).

Resende & Ferreira (1984), ao investigarem o espaço profissional ocupado pelo licenciado em Educação Física no Município do Rio de Janeiro, constataram que esses profissionais encontravam-se distribuídos em diferentes atividades pelo mercado de trabalho, exercendo, por vezes, concomitantemente, até três funções diferentes distribuídos nas áreas escolar e não escolar.

Por tais resultados pode ser observado que, até então, parece não ter havido uma preocupação dominante com a formação completa do profissional de Educação Física. Se a maioria dos cursos universitários esteve voltada para a preparação de profissionais do ensino, quase sempre, em completa desarticulação entre os Departamentos de Educação Física e das Faculdades de Educação, isso implica numa formação limitada e deficiente, deixando campos de ação profissional sem formação específica. Com o mercado de trabalho em expansão, seja pela ampliação do tempo livre do trabalhador na sociedade contemporânea, ou por ação da mídia que descobriu o valor da prática da atividade física e esportiva como mobilização das massas, como promoção de saúde e bem estar, é certo que esse profissional tem sua formação descompassada com a absorção de seu potencial para atuação na sociedade.

O conteúdo dos cursos vem se apresentando preso a concepções tradicionais de conteúdo fechado, sobretudo vinculados ao esporte, desprivilegiando a ginástica, a dança, e a recreação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAPRA, F. O ponto de mutação. São Paulo, Cultrix, 1987.**
- CAVALCANTI, K.B.; FERREIRA, V.L.C.; PÁVEL, R.C.; VIEIRA, F.C.S. Reformulação do currículo do curso de licenciatura em educação física da Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho, 1981. p.1-6. (Proposta curricular apresentada à Vice-Reitoria Acadêmica).**
- COSTA, V.L.M. A formação universitária do profissional de educação física. In: PASSOS, S.C.E., org. Educação física e esportes na universidade. Brasília, SEED/MEC-UnB, 1988. p.205-24.**
- RESENDE, H.G.; FERREIRA, V.L.C. O espaço profissional ocupado pelo licenciado em educação física. Brasília, INEP/Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho, 1984.**
- RIBEIRO, D. Universidade para quê? Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1986.**
- TERRERO, J.M. Comunicação grupal libertadora. Buenos Aires, Paulineas, s.d.**
- VIEIRA, F.C.S. Graduação em educação física: formação generalista ou especialista? Homo Sportivus, Rio de Janeiro, n.1, 1984.**